

/ PALAVRA DO LEITOR

Mercado Imobiliário

A rentabilidade com locação de imóveis pode chegar a 8% ao ano em Porto Alegre (Jornal do Comércio, edição de 20/03/2026). Na minha opinião, não compensa comprar imóvel para alugar em Porto Alegre. A cidade está envelhecendo, cada vez mais terá menos procura e a oferta está aumentando. Alguns bairros nobres são exceção, mas nos demais, não acredito que compense. A inflação vai corroer o imóvel, além do desgaste natural. (Mateus Baroni)



Mercado Imobiliário II

Imóvel bem localizado e adquirido para investimento em locação é mais seguro do que qualquer carteira de investimentos. Basta olhar os impactos da guerra no preço do petróleo ou os episódios de corrupção que derrubam bancos de investimento. (Fernanda Fogliati)

Mercado Imobiliário III

Não vale a pena comprar imóvel para alugar. Existem investimentos de renda fixa isentos de Imposto de Renda que rendem 1% ao mês e contam com a proteção do FGC. (Christian Pacheco Medeiros)

Mercado Imobiliário IV

Ao meu ver, não vale comprar imóvel para alugar. O proprietário enfrenta problemas de inadimplência no pagamento do aluguel, tem a incidência de impostos sobre rendimentos cada vez maiores e a falta de liquidez. A Lei do Inquilinato é desfavorável ao proprietário, e os condomínios estão cada vez mais caros. Além disso, em muitos casos, os inquilinos causam estragos no imóvel. (Eduardo Milani Aller)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

Aos anunciantes e agências de publicidade

Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado da Sexta-feira da Paixão em 03 de abril, a edição do dia 03 será conjunta com a do dia 02 de abril, com o fechamento comercial às 17h do dia 1º de abril.

A edição do dia 06 de abril de 2026 circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 02 de abril.

/ ARTIGOS

Impactos da redução da jornada na construção

Cláudio Teitelbaum

O ambiente econômico brasileiro segue marcado por incertezas, com inflação pressionada, juros ainda elevados e sinais de desaceleração. Nesse contexto, decisões que impactam os custos de produção exigem responsabilidade e análise técnica, especialmente em ano eleitoral.

Para a construção civil, setor intensivo em mão de obra e essencial ao desenvolvimento, medidas que elevem custos ou reduzam a produtividade afetam toda a cadeia econômica, bem como o acesso e a qualidade de serviços em áreas como habitação, educação, saúde e infraestrutura, que dependem da atividade construtiva.

É nesse cenário que se insere a proposta de redução da jornada sem alteração proporcional de salários. Embora apresentada como um avanço social, a medida pode gerar efeitos adversos, sobretudo em um setor cuja dinâmica produtiva depende da continuidade das etapas, da integração entre equipes e de fatores como clima e logística.

Na prática, a redução da jornada, seja por modelos como 5x2, 4x3 ou pela diminuição da carga semanal de 44 para 40 horas, implica aumento imediato do custo da mão de obra. Esse acréscimo encarece a produção, reduz a viabilidade de novos projetos e dificulta o acesso à habitação, especialmente de interesse social.

Além disso, a descontinuidade nos canteiros pode resultar em aumento de prazos, retrabalho e menor eficiência no uso de recursos.

Há, ainda, reflexos no emprego. Custos mais elevados podem levar a cortes de vagas, sobretudo em projetos com margens mais estreitas, limitando oportunidades e renda.

Cabe destacar que a construção civil já opera com diferentes modelos de jornada, definidos por lei e por negociação coletiva, o que permite ajustes conforme a realidade de cada obra. A imposição de um modelo único desconsidera essas especificidades e compromete a eficiência produtiva.

A modernização do setor passa por qualificação, inovação e segurança jurídica, e não por medidas que desorganizem sua operação. O Sinduscon-RS defende o diálogo e o aperfeiçoamento das relações de trabalho, mas ressalta que mudanças devem estar ancoradas em critérios técnicos e na realidade do setor.

Para avançar, o Brasil precisa ampliar sua capacidade produtiva e tornar-se mais competitivo. Isso exige o avanço de reformas estruturantes, com maior previsibilidade econômica e um ambiente mais favorável ao investimento, à geração de empregos e ao desenvolvimento sustentável.

Presidente do Sindicato da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS)

A modernização do setor passa por qualificação, inovação e segurança jurídica

Bancos vermelhos: Porto Alegre está atenta

Regina Maria de Oliveira Machado

Nunca se pensou tanto em proteger as mulheres da violência. E não é para menos, uma vez que o número de feminicídios vem crescendo de forma alarmante. Todo movimento de enfrentamento a esse mal é bem-vindo, porque o que está em jogo é a preservação de vidas.

O movimento dos bancos vermelhos passou a ser assunto entre muitas pessoas, especialmente entre os prefeitos de praça de Porto Alegre. Como gerente desses espaços, impulsionei essa iniciativa, que foi acolhida pelo governo municipal.

O projeto foi pensado de forma sustentável, aproveitando a riqueza de espaços públicos como praças e parques que a cidade possui, utilizando bancos já existentes para dar visibilidade à causa. A proposta inicial prevê a instalação de bancos vermelhos em dez praças, localizadas em pontos estratégicos da cidade, levando em conta bairros com maiores índices de violência.

Sabemos que o banco vermelho, por si só, não

reduz o número de feminicídios. No entanto, ele tem o poder de lembrar, diariamente, que existem caminhos para buscar ajuda e acolhimento em situações de violência.

Nosso desejo é ver o Rio Grande do Sul em primeiro lugar na educação, no esporte ou em qualquer outra área de desenvolvimento – e nunca nas estatísticas de feminicídio. Queremos lembrar que, a cada morte, perdemos uma mãe, uma filha, uma amiga. Perdemos uma vida que deixa muitos corações apertados.

Os bancos vermelhos, embora tenham surgido em 2016, na Itália, hoje são reconhecidos internacionalmente como símbolo de conscientização e mobilização contra a violência de gênero. Em Porto Alegre, essa iniciativa ganha força para lembrar que nenhuma mulher está sozinha, que existem caminhos de ajuda e que o silêncio pode ser extremamente perigoso.

Mais do que um símbolo, os bancos vermelhos são um convite à reflexão e à responsabilidade coletiva. Eles nos lembram, todos os dias, que a violência contra a mulher não pode ser naturalizada.

Porto Alegre está atenta. E cada banco vermelho instalado em nossas praças será também um sinal claro de que a cidade não aceita a violência e está comprometida em proteger a vida das mulheres.

Gerência dos prefeitos de praça de Porto Alegre